Elizabeth Bishop — Sonho de verão

Aquele cais afundado recebia poucos barcos. Lá viviam dois gigantes, uma anã, um retardado,

um lojista, que toda a manhã cochilava em seu balcão, e a simpática senhoria — a costureira dela era a anã.

O retardado passava o dia colhendo amoras, para distrair-se, mas depois as jogava fora. A costureira miúda sorria.

Nossa pensão, à beira-mar, azul como uma cavalinha, era riscada, feito o rosto de quem acabou de chorar.

Gerânios extraordinários transbordavam das janelas, e no assoalho reluziam linóleos de tipos vários.

À noite a gente escutava o pio do mocho-orelhudo. À luz do lampião de óleo o papel de parede brilhava.

A senhoria simpática tinha um filho, um gigante gago, que subia a escada recitando trechos de uma velha gramática. Vivia emburrado, o sujeito, mas a mãe dele era alegre. O nosso quarto era frio, e o colchão de penas, estreito.

No escuro, a gente acordava com o riacho sonâmbulo que, desaguando no mar, em voz alta, ainda sonhava.

Elizabeth Bishop, Poemas escolhidos